

# Meta de Sarney é tornar Arena um partido político

Da sucursal de  
BRASILIA

Quando o general João Baptista Figueiredo afirmou, durante a primeira reunião ministerial, que a Arena era um partido no governo e não do governo, tão somente ratificou conceito emitido pouco antes pelo presidente da agremiação, senador José Sarney, segundo este próprio recordou ontem, ao sublinhar a "absoluta fidelidade ao ponto de vista" existente entre ambos.

Situando na prática tal afirmativa, Sarney garante que a Arena não terá, mas já está tendo grande participação no governo, pois este não toma uma única atitude senão baseada em uma visão política, e depois de detectar a aspiração parlamentar. Pela tranquilidade ao fazer essas observações, tudo indica que Sarney confia em que a primeira quinzena do novo governo venha a se transformar numa rotina nos próximos seis anos.

De toda forma, uma verdadeira estrutura partidária constitui meta prioritária do senador pelo Maranhão, que já conta para isso com um vistoso arsenal teórico, em boa parte consubstanciado no IV Plano de Ação Partidária. Do lado operacional, os dados não são muitos, e alguns deles, como a democracia partidária interna das Presidências dos Diretórios

Regionais, que estavam sujeitas praticamente, aos critérios dos governadores.

"Nós não desejamos excluir os governadores, que terão seu peso específico, mas não agrão autoritariamente. Antes, as minorias eram esmagadas. Agora, a orientação é para que as convenções sejam realizadas com absoluto respeito às minorias. É que o partido deve decidir de acordo com as bases, exercitando ao máximo sua democracia interna" — diz Sarney.

Ao fazer uma apreciação da Arena, seu presidente busca comparações, frisando que os partidos da América Latina e demais países do Terceiro Mundo basicamente sempre foram sociedades civis que funcionaram em épocas eleitorais, gravitando em torno do Parlamento. No Brasil, como superposição a esse fato, houve "a constatação irrecusável de um período em que a atividade política foi colocada sob grande tutela e com sua ação bastante limitada".

Mas a queda do AI-5, no entender do senador, ofereceu a oportunidade para a transformação radical dos partidos, pois se a meta é o aprimoramento democrático, para o alcance de sua plenitude, não há como prescindir dos partidos, pois constituem instrumento de representatividade a enquadrar eleitos e eleitores: "O caminho para a democracia passa pelos partidos. Fora daí não se opera

a democracia em termos ocidentais, com a garantia dos direitos individuais e das liberdades públicas".

Sarney aponta os grupos de pressão da sociedade como um desvio das funções dos partidos, e que leva à atomização de sua atividade. Para ele, tanto a Arena como o MDB ainda não têm estrutura para cumprir as funções de partido moderno dentro de uma democracia de nível avançado: "O MDB está impossibilitado de filtrar as pressões que se formam na sociedade, os inconformismos e desejos de mudanças a nível de decisão partidária, ficando a reboque dos grupos de pressão. A Arena, que vinha sendo o partido do governo, mostrava-se incapaz de formular políticas de governo".

A partir desse diagnóstico, o dirigente enfatiza que a grande necessidade é no sentido de que os partidos se formem e se estruturarem para, além da missão original de ser partido, ocupar o vazio do poder político a nível partidário. Para tanto, devem captar as aspirações da sociedade, formular decisões, avaliá-las e também retificá-las, conforme os casos. Ao contrário, na sua opinião, não terão sucesso e não conseguirão gerar o poder e administrá-lo.

Por essas razões, ao lado da montagem de uma estrutura real deve ser reiniciado o processo de formação de lideran-

ças, de modo a vitalizar o processo político. Sarney não vê dificuldade para o surgimento dessas lideranças, pois entende que o processo que as liquidou também já chegou ao fim.

A nível estadual, o dirigente arenista observa que os governadores têm de assumir a responsabilidade de ampliar a faixa de participação do poder político como forma de apoio aos partidos e aos políticos. Como reforço, a reforma do sistema tributário, que terá como uma de suas principais consequências a descentralização, e será efetivada este ano, contribuirá significativamente.

As facções arenistas nos Estados, que geram problemas especialmente nas épocas eleitorais, não preocupam Sarney, para quem o fundamental é a unidade em torno da doutrina e do programa do partido. Ele se recusa a criticar o programa arenista, mas prega uma mudança a ser efetivada mediante um corpo doutrinário fixo e um programa flexível capaz de acompanhar as novas realidades.

Sarney também é de opinião que a Arena não pode ser um partido ideológico, devendo ser essencialmente pragmático, de centro, e de caráter renovador, em moldes semelhantes aos dos grandes partidos modernos do Ocidente. Entretanto, ele aceita a presença de partidos de direita e de esquerda no Brasil, assinalando: "Só que para nós, da Arena, não".